

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE FILOSOFIA

**JAQUELINE DA CONCEIÇÃO DIAS SOARES**

**A IDENTIDADE HUMANA SOB A PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA DE  
EDGAR MORIN**

São Luís  
2011

JAQUELINE DA CONCEIÇÃO DIAS SOARES

**A IDENTIDADE HUMANA SOB A PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA DE  
EDGAR MORIN**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Antônio José de Ribamar Moraes.

São Luís  
2011

Soares, Jaqueline da Conceição Dias

A identidade humana sob a perspectiva epistemológica de  
Edgar Morin/ Jaqueline da Conceição Dias Soares - São Luís 2011.

37 fl.

Impresso por computador (Foto cópia)

Orientador: Antônio José de Ribamar Moraes.

Monografia (Graduação)- Universidade Federal do Maranhão Curso  
de Filosofia,2001.

I. Filosofia - Morin II. Homem –Identidade.

CDU 1 MORIN

**JAQUELINE DA CONCEIÇÃO DIAS SOARES**

**A IDENTIDADE HUMANA NA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA DE  
EDGAR MORIN**

Aprovada em     /     /

Nota (     )

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profº Ms. Antônio José de Ribamar Moraes (Orientador)**

---

**1º Examinador**

---

**Examinador**

## RESUMO

Análise acerca da questão do entendimento do ser como homem na perspectiva epistemológica de Edgar Morin. Propõe-se traçar o itinerário que o filósofo percorreu em sua tentativa de entendimento de brindar-nos com o caminho a desvendar o mistério do Ser, irá travar um diálogo crítico com toda a modernidade, principalmente ao pensamento cartesiano, apontando onde a ciência falhou tendo em vista esclarecer as lacunas deixadas pela mesma, não se tratando exatamente de sua má aplicabilidade. A partir do texto *Humanidade da humanidade. O método 5*. Nessa tentativa irá propor as grandes identidades, a não compartimentação do homem, mas, a unidade na multiplicidade. Tentará explicitar que o homem é *Homo Complexus*, um tecido em conjunto, devendo ser entendido em sua diversidade: cósmica, biológica e cultural, e o simbolismo que objetiva sua existência.

Palavras-chave: Cosmicidade. Homem. Identidade. Diversidade. Multiplicidade.

## ABSTRACT

Analysis about the issue of understanding of being as men in the epistemological perspective of Edgar Morin. It is proposed to trace the route that transversed the philosopher in his attempt to indulge in the understanding of the way to unravel the mysterious of Being, will crash a critical dialogue with modernity, especially the Cartesian thought, pointing out where the science failed, not exactly bed applicability by them, but clarifying some of their gaps. From the text Humanity of humanity -*The Method 5*- will try to explain that the Men is *Homo Complexus* must being understood in its cosmical, biological, and cultural, symbolism diversity and objective existence.

Keywords: Cosmic. Men. Identity. Diversity .Multiplicity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 A DIMENSÃO CÓSMICA DE IDENTIDADE</b>	<b>12</b>
2.1 A identidade planetária, o homem um ser misterioso	12
2.2 Homem um ser cósmico	15
2.3 A cosmicidade como instrumento de entendimento	17
2.4 A identidade cósmica filosófica social do homem	21
<b>3 A DIMENSÃO BIOLÓGICA DE IDENTIDADE HUMANA</b>	<b>24</b>
3.1 Do sapiens ao complexus : O homem um ser de dimensões	24
3.2 A linguagem como instrumento de socialização, o homem um ser falante e pensante.	24
3.3 Espírito e consciência, o abismo entre Homo sapiens e Homo complexus	28
<b>4 A DIMENSÃO SOCIAL DE IDENTIDADE HUMANA, A CONSCIÊNCIA CULTURAL COMO IDENTIDADE SIMBÓLICA</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>

Se alguém quer realmente buscar a verdade,  
não deve escolher uma ciência particular;  
elas estão todas unidas e dependem  
umas das outras.

*Descartes*

## **Dedicatória**

À minha querida mãe, meu amado e honrado pai , o homem mais firme e nobre que conheço.

Ao meu querido Fábio, sempre me apoiando nos meus momentos de insegurança com paciência e carinho.

Aos queridos professores do DEFIL, à sr. Luís sempre disposto a atender nossas solicitações.

Aos meus queridos irmãos, pela companhia maravilhosa e por nossas calorosas discussões sobre os mais variados temas.

À minha querida amiga Karla sempre disposta a me ouvir , sempre fiel à nossa amizade.

À meu orientador Antônio José de Ribamar Moraes, à meu co-orientador Baltazar Macaíba e ao caro amigo e colaborador Tairon, e ao meu grande amigo Thiago sempre atencioso e sincero.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho vamos expor a temática proposta por Edgar Morin no texto *Humanidade da Humanidade* em que há a defesa de uma nova abordagem sobre o conhecimento acerca da identidade humana. Quem somos nós? Essa pergunta parece nunca obter uma resposta satisfatória, pois é sempre feita e refeita ao que o homem parece ser um mistério indecifrável. Já diria Pascal: “*É uma doença natural do homem acreditar que possui diretamente a verdade; disso deriva que está sempre disposto a negar tudo o que lhe é incompreensível*” (apud MORIN, 2007, p.25). Assim, como o fato de fragmentar o conhecimento a respeito de si mesmo negando a sua identidade e acreditando que tendo domínio em tudo ao seu redor, possui o controle e a resposta para todas suas inquietações, mesmo aquelas que ele nem se dá conta de possuir. Tal complexidade parece intransponível. Quando pensamos nesse homem, pensamos num homem dividido por partes entre as ciências, não enquanto estrutura única ou então pensamos no homem físico, mas nunca de maneira composta com todos os seus ângulos observáveis. Para chegarmos então ao entendimento proposto pelo autor utilizaremos textos com várias concepções sobre a temática do entendimento humano proposta por Morin. Abordaremos a questão da diversidade humana que aponta para a complexidade, desenvolvendo, assim, alguns tópicos essenciais para a compreensão da proposta moriniana. O mesmo autor também argumenta que o homem seria um ser *Complexus*, *Ludens* e *Symbolicus*, termos que utilizará para demarcar as características do homem em cada momento da formação de sua identidade terrena. Faz-se necessário buscar outras fontes de pesquisas, pois encontrar respostas satisfatórias a respeito desse tema requer um pouco mais de desdobramento teórico e científico.

Parece questão simples responder sobre humanidade se ainda estivéssemos no estado de natureza, onde o homem natural é um ser de sensações, ou ainda, o homem no estado de natureza, deseja somente aquilo que o rodeia porque ele não pensa racionalmente, portanto, é desprovido de imaginação necessária para desenvolver os desejos que não percebe. Mas o homem atual, diferentemente do homem natural de Rousseau, o *Humano* que Edgar Morin pretende desvendar, quer saber mais do que o mundo que o cerca, quer entender sua própria natureza, saber a essência de sua identidade. Morin percebe que não há registro textual que possa nos remeter à ideia de

homem em sua completude. O filósofo, então, trava um diálogo crítico com toda a contemporaneidade. Podemos considerar que o homem, nosso objeto de estudo, ainda anseia saber de si? Quando fazemos essa pergunta, surgem inúmeras respostas que parecem não dar conta, não suscitar a esfinge homem.

Tanta evolução quanto progresso iluminam o fenômeno humano, mas ainda restam lacunas a serem preenchidas. O homem ainda parece ser um ente desconhecido, um ser estranho a si mesmo. Assim sendo, a exposição da temática proposta irá seguir-se de textos que abordam conceitos essenciais sobre esse homem que determina todas as coisas à sua volta e não consegue ainda saber de si mesmo, desse ser que de modo geral e globalizado estuda todas as ciências: da filosofia à cibernética, criando e recriando novas teorias, buscando sempre novos caminhos, bem como procurando respostas para todas suas indagações. É assim desde a antiguidade grega onde se procurava entender a natureza e compreender a si e ao mundo através do pensamento mítico. Percebemos então que essa questão acerca do entendimento humano, sobre quem somos, vem de muito longe, e permanece sendo um problema que vários teóricos tentam responder, saber por que agimos de determinadas maneiras, tentar entender como atos tão desumanos são praticados todos os dias, afinal quando falamos em humanidade estamos necessariamente tratando também de desumanidade.

Atinemos para o seguinte: o que essencialmente motivou pessoas extremamente diferentes a agir como agiram Hitler e Stalin como pensar sobre tais demonstrações de crueldade de monstruosidade, de deixar todos perplexos com tanta desumanidade, e outros, porém, como Gandhi e Jesus, capazes de grande demonstração de amor? Explorar o conceito de humanidade diante de tantas perspectivas, com tantos horizontes, é também pensar sobre a desumanidade. Nenhuma ciência foi capaz de gerir tais frutos para desvendar a complexidade da figura humana diante das contradições entre amor e ódio, alegria e tristeza, será talvez por má aplicabilidade das mesmas ou, é bem nesse ponto que ela encontra seu limite?

O autor propõe uma nova abordagem e tenta desvendar esse ser misterioso, o humano, termo esse, rico e contraditório e demasiadamente complexo para nossa vã compreensão. Porém, Morin disporá da integração definitiva dos vários saberes explorando o conceito de identidade humana unindo o que as ciências e o sistema moderno separam, tratando o homem de forma única e inseparável, um conhecimento

complexo porque reconhece que o sujeito humano, objeto desse estudo, deve ser estudado sobre os aspectos que o autor julga necessários para essa tarefa tão complexa, pois até os dias atuais a impressão que fica é que só nos conhecemos superficialmente, parcialmente, ou ainda, recortadamente. Essa proposta deve ser deixada de lado para dar lugar a uma nova abordagem, deve-se pensar sobre esse sujeito usando um tripé composto por três saberes, três bases de sustentação que ele lança na tentativa de explicar: Quem somos? O que é ser um ser cósmico? A biologia e a sociedade, como essas relações se estabelecem? Compreender de onde viemos? Como vivemos? E como nos relacionamos com os outros seres? Sem esses três elementos, que são, com já dito acima, a identidade cósmica, biológica e a identidade cultural. Para analisar o homem, nosso objeto de estudo, é necessário que ele esteja inserido nessas categorias, segundo o autor, seria impossível chegar próximo ao entendimento a cerca do humano sem explaná-las.

Morin concebe o homem não apenas como *Homo Sapiens*, mas como *Faber*, *Demens*, *Ludens* e *Consumans* e principalmente como *Complexus* juntando verdades separadas que se excluem, aliando as dimensões da ciência e a dimensões epistemológicas e reflexivas, que seria a filosofia, para, com isso, dar novo sentido às palavras perdidas de sentido vazio na ciência dando ênfase na cognição: Alma, Espírito, e Pensamento. Assim, é traçado seu entendimento sobre o sujeito homem, o Humano que não pode ser entendido separadamente, pois não deve ser visto como parte dispersa de uma natureza, mas em sua totalidade sobre todos os aspectos.

## 2. A DIMENSÃO CÓSMICA DE IDENTIDADE

### 2.1 A identidade planetária, o homem: um ser misterioso.

Tendo vislumbrado tudo o que foi visto e dito até hoje sobre nossa inserção terrestre, saber se surgirmos de uma ínfima poeira ou como nos descrevem as escrituras bíblicas, que sugere nossa visão religiosa, é, nesse ponto que começa nossa emblemática busca por nossa essência existencial quando o homem começa a desejar entender, conhecer o princípio de tudo.

Perde-se a visão mítico-religiosa e faz-se então necessário buscar uma explicação mais racional, científica mais plausível à nossa compreensão. Os filósofos gregos através dos mitos (autoridade dos deuses) tentavam entender a natureza, o Mundo, o Ser, e suas próprias vidas. Para essa emblemática questão, através da qual o homem procurava situar-se no centro de sua existência, foram feitas várias apostas, a primeira delas foi o mito. Então, essas primeiras chamas a iluminarem o caminho ao conhecimento surgiram com os poemas do *legendário “poeta cego” Homero, a Ilíada e a Odisséia, que datam provavelmente do séc. VII a. C.* (GLEISER, 1997, p. 42). Na ocasião, os poemas serviam não só como um vínculo lingüístico, mas também cultural, pois juntamente com os jogos olímpicos servia para aproximar todos os povoados gregos espalhados, agindo, nesse sentido, como base para sustentação de uma identidade homogênea, era a representação da identidade grega.

Os poemas descreviam o mundo, o céu, os fochos de luz que iluminavam a escuridão da noite e também de seus pensamentos, eram apenas imagens simplistas. Outros povos, porém haviam chegado mais longe com suas especulações sobre o cosmos conseguiam até mesmo organizar suas vidas de acordo com o movimento dos astros, plantio, colheita, celebrações religiosas e previsões astrológicas como faziam os babilônios. Contudo os babilônios, que haviam desenvolvido um grande potencial astronômico, não deixaram de lado sua adoração e credibilidade aos vários deuses que povoavam seu imaginário, ainda buscavam muitas explicações através destes. Aproximadamente dois séculos mais tarde essa situação mudaria completamente, no período pré-socrático, período ao qual atribuí-se o descrédito aos deuses, estes foram

praticamente abolidos do universo, as causas dos fenômenos naturais não mais seriam explicadas mitologicamente, mas naturalmente, era na própria natureza que as explicações eram procuradas, era o mundo material que fornecia as respostas para a fundamentação do pensamento. Um século mais tarde, o comércio entre os estados gregos, florescera, gerando riqueza e um notável desenvolvimento cultural, o que marca o início da grande aventura intelectual, que nos proporcionaria dois milênios mais tarde, o nascimento da ciência moderna. Tales de Mileto segundo registros, fora o fundador da ciência moderna possuía conhecimento astronômico e meteorológico, fazia previsões sobre colheitas, atribuem a ele a previsão de um eclipse solar que pôs fim na guerra entre os *“Ílios e os persas na data de 28 de maio de 585 a. C.”* (GLEISER, 1997, p. 45).

Escolas filosóficas da época lançaram-se de todos os objetos naturais (celestes), para buscar compreender o mundo. Enfim, não faltaram teorias pra descrever a realidade da natureza vivenciada, talvez em nenhum momento da história da humanidade, o firmamento tenha sido tão observável, ou ainda, foi desse momento em diante que a imaginação do homem não mais saiu da lua, do sol, do céu, dos astros celestes. Os homens nunca deixaram de olhar para o céu, de pensar na finitude, de planejar suas vidas de acordo com disposição dos astros celestes, enfim entender o universo, fazer parte dele. E é também quando a filosofia inicia sua trajetória em busca da sabedoria, do cerne da existência humana.

Nossa identidade cósmica é também nossa inserção no mundo do incompreensível do insondável, algo que vai além das fronteiras do empirismo, e até do racionalismo, nossa capacidade de apreender os fenômenos, sem necessariamente necessitar de fatos concretos pra alicerçar nossa argumentação racional nos mostra que essa identidade cósmica é real, não é possível conhecer o homem sem aceitar que o mesmo, possui cognição, que existe uma força, invisível, que essa força move o universo, essa nossa identidade cósmica é também essência primordial do Ser.

Quando os gregos olhavam para o céu pra saber a posição dos astros e a interferência deles em suas vidas, ali já era possível observar a influência cósmica no homem ascender. Os gregos buscavam situar-se nessa ordem planetária, buscava uma identificação mais profunda com os astros um sentido, uma ligação mais íntima entre todos os elementos que compunha a atmosfera terrestre, e buscavam principalmente um lugar em meio a essa ordem planetária. O quem somos? Deixará de ser limitado, e

passará a ganhar dimensões espaciais.

*“Conhecer o humano não é expulsá-lo do universo, mas aí situá-lo”* (MORIN, 2002 p. 25), situar o humano na verdade é aceitá-lo com toda a carga histórica de sua essência existencial, mesmo para os modernos que acreditam estar na era da racionalidade total, num positivismo exacerbado, mais nossa identidade cósmica, o enraizamento cosmo-físico, continua presente em todas as manifestações religiosas, em todos os cultos.

A própria estrutura física do homem, seu aparecimento na terra ganha uma versão cosmo-física. Quando perguntamos quem somos? Estamos também inquirindo sobre de onde viemos e até pra onde vamos? Estamos buscando também saber sobre o mundo. Tal indagação nos conduz a muitas dúvidas a respeito do nosso ser no mundo. Quando pensamos em nossa composição física, no primeiro ser, nas primeiras formas de vida, no ser que originou todos os outros, existe vários registros textuais, filosóficos e antropológicos que apontam em várias direções, no entanto vamos nos centrar aqui ao enraizamento cósmico, que aponta um ser surgido em meio de turbilhões de fenômenos, supostamente estamos inseridos na terra como qualquer outro elemento que compõe a superfície terrestre. Um duplo enraizamento, estamos no mundo físico e na esfera viva, temos um superficial conhecimento sobre todas as dimensões que formam nosso planeta, somos marginais nessa organização ainda estamos alheios, a mercê da ordem planetária, a ciência ainda sofre as consequências de suas próprias limitações, o homem nosso objeto de estudo ainda está alheio a si. O humano fundador do termo vida em toda a sua magnitude está na natureza e fora dela, ainda não tomou consciência de sua inserção no mundo, ainda anseia por autoconhecer-se, entender a dualidade cosmo-física na ordem a qual está submetido.

Conhecemos, na atualidade nosso duplo enraizamento no cosmo - físico e na esfera viva. Estamos ao mesmo tempo na natureza e fora dela. As ciências do mundo físico e as do mundo vivo serão com certeza revisadas e corrigidas; acontecerão descobertas inacreditáveis; teremos revelação de dimensões ou realidades ainda invisíveis ou desconhecidas. Quanto mais avançarmos no conhecimento, mais aparecerão mistérios insondáveis. (MORIN, 2007, p. 25)

Por mais que o homem tenha avançado em todos os setores do conhecimento, ainda podemos observar várias lacunas, existem vários fatos desconhecidos por nós,

onde nossa vã compreensão não pode alcançar (até agora), a imensa galáxia esconde infinitudes de elementos, de interações, não sabemos nada ao certo, quanto mais sabemos, mais supomos, mais estamos longe de saber sobre nossa ascendência cósmica, o pouco que conhecemos do planeta, conhecemos superficialmente.

## **2.2 O homem: um ser cósmico.**

Essa aventura á qual fomos lançados nos é incompreensível, um futuro obscuro, um sentido totalmente desconhecido, nada nos remete à certezas, tudo até agora é suposição. Estamos muito aquém de ter domínio sobre o universo, ainda somos um desconhecido na nossa própria casa, no nosso próprio corpo. Surgimos em meio a uma série de acontecimentos, ordem, desordem, desorganização, organização, a essa série de acontecimentos MORIN, chamará de interações o Tetragrama, expostos ao acaso, ao caos. *“O jogo do mundo, onde as partes envolvidas se completam e antepõem umas as outras, formando um círculo, anel”* (2007, p. 27). A reunião de todos os elementos atmosféricos, em nossa estrutura física, e mais ainda, os mistérios insondáveis que a ciência não dá conta. Seria então nossa ligação mais próxima com o universo, com essa força física, química que rege todas as coisas, imanente, transcendente.

Somos forjados, produzidos levados nessa aventura da qual, na metade do século XX, ainda não tínhamos nenhuma consciência. A primeira lição que nós dá o cosmo é que as partículas dos átomos de células apareceram nos seus primeiros segundos; nossos átomos de carbono formaram-se num sol anterior ao nosso; nossas macromoléculas, uniram-se nos primeiros e convulsivos tempos da terra, associando-se em turbilhões, entre os quais um, cada vez mais rico na sua diversidade molecular, metamorfoseou-se numa organização viva. O ser vivo é máquina inteiramente física – química, mas, organizada de maneira mais complexa, é dotada de qualidades e de propriedades desconhecidas no mundo molecular de onde, no entanto saiu: as qualidades expressas pelo termo vida (2007, p. 26).

Essa passagem afasta totalmente a teoria de descendência atribuída a Adão, oriunda da visão religiosa e nos coloca no centro do universo, no centro da ciência, não escapando, porém, do desconhecido, a simbologia que acompanha espírito humano: ritos, magias, sacrifícios, mesmo atrofiadas essas práticas ainda persistem na vida contemporânea. E essa visão nos põe de frente com verdades infinitas, grandiosas como

a noosfera. Talvez sejam vistos não como uma síntese, mais como complemento, um sistema em cadeia, onde uma parte depende de outra, somos um sistema complexo, um tecido em conjunto como define nosso autor, porém iremos nos manter sobre a concepção de homem, do ser humano propriamente dito, como supunha Edgar Morin, o homem completo, com tudo aquilo que o torna humano e até desumano, pois dentro da proposta de entendimento da humanidade, ele vai traçar um perfil de homem em sua totalidade uno e múltiplo com todos os antagonismos contidos em sua estrutura. Nesse sentido somos parte de um operador dialógico que Morin, descreve como o ato de juntar coisas que estão aparentemente separadas, como: o mito e a razão; sensível e o inteligível; razão e emoção; a ciência e a arte, a isso, ele não aceita chamar de síntese. Compreender o homem é juntar os antagonismos, é entrelaçar verdades socialmente separadas.

Um exemplo disso é a desumanidade, aquilo que parece tão cruel, também define o humano, como humano; pois ai está um paroxismo, que carrega um conceito fundamental, e assim por diante todos os nossos sentimentos e atitudes, quando opostos em determinados momentos nos definem como seres que somos.

O pensamento complexo descarta a possibilidade de separar os objetos, de isolá-los como a ciência tradicional fez até agora, então nesse contexto a ciência nova terá que se posicionar de maneira mais desafiadora. No termo *Humano* insere-se a contradição, a ambivalência, Morin traz à luz um empreendimento como acredita ele; concebido a cerca de uma compreensão mais reflexiva dos diversos saberes relativos ao *Ser*, traz para o centro uma discursão sempre presente, porém sub-julgada, acreditando, contudo, que as grandes idéias avançam sempre nos antagonismos, de idéias contrárias, assim tomando grandes proporções.

Morin descreve um ensaio no método vol.5, *A Humanidade da Humanidade*, de como possivelmente surgiram os primeiros sopros de vida, as primeiras bactérias, os primeiros animais, os primeiros seres que mais tarde povoariam o universo, todos os seres oriundos de todos os elementos que compõe a biosfera, propõe uma série de acontecimentos, de todas as ordens. Acreditando que nós nos compomos de todos os elementos, sendo assim, é possível acreditar que a vida seria sim, um misto de todos os elementos, uma composição única de toda a energia atmosférica.

No entanto, para validar suas aporias no plano teórico, ele usa um sistema ao qual

ele irá denominar de anel recursivo, que seria então uma espécie de organização na ordem dos acontecimentos, de modo que todo efeito tenha uma causa e toda causa tenha um efeito e esse movimento vai acontecendo de modo circular, onde todos os termos estão ao mesmo tempo em antagonismo e em complementariedade uns com os outros. Dessa forma, nosso filósofo, encontra equilíbrio na ordem planetária.

Um pouco de substância física organizou-se de modo termodinâmico na terra; através de imersão marinha, fervura química, descargas elétricas, ganhou vida. A vida é solar: todos os seus ingredientes foram forjados num sol e depois reunidos num planeta cujos componentes foram cuspidos por uma explosiva agonia solar; ela é a transformação de um corrimento fotônico oriundo de flamantes turbilhões solares. Nós, os seres vivos, os humanos, filhos das águas, da terra do sol, somos uma formiga, talvez um broto, um feto, da diáspora cósmica, algumas migalhas da existência solar em consequência frágil da existência terrestre. (MORIN, 2007, p. 5).

Algumas civilizações acreditam realmente que nós os seres vivos somos filhos dos elementos naturais, do sol, da lua da terra etc. No texto, *Imagens e Símbolos* de Mircea Eliade irá traçar um perfil histórico na relação do homem com os elementos naturais e a simbologia cósmica, a eles atribuídos.

### **2.3 A cosmicidade como instrumento de entendimento**

Morin, no primeiro momento não irá descrever o homem como um ser somente *Sapiens*, mas também *Demens*, após a longa jornada da hominização, ao caos, desordens, conflitos desafios ecológicos, e até conflitos entre as espécies, onde as mais hábeis sobreviveram às intempéries do meio ao qual estavam expostos, segundo ele; o homem oriundo dessa sucessão de acontecimentos, dessa aventura cósmica telúrica e, sobretudo biológica. Possui a singularidade de ser cerebralmente portador de duas características *Sapiens* e *Demens*, pois *Sapiens* é muito técnico, e não abrange todo o significado de definição no que concerne a natureza humana, não nos remete toda a significação do termo, por isso foi necessário acrescentar outro *sapiens*, e tantas outras nomeclaturas, o homem portador de tantas qualidades, não só da técnica. No primeiro momento essa denominação fez todo o sentido, com a evolução do homem ela se perdera, encontramos então uma outra característica dentro dessa perspectiva, a

demência, também emergente dos primórdios de sua existência terrena, uma tendência a crer que carregamos um DNA cósmico, uma carga genética, como se todos os fatos contidos na história de nossa vida, todos os tumultos tudo de bárbaro, atroz estivesse gravado em nossa memória mais íntima, algo que sobressai independente de nossos desejos, algo inerente, essa então seria nossa loucura, essa demência o *Homo Demens*, contido em nossa essência.

O cosmo criou-nos à sua imagem. Estamos sós no cosmos? Existem fortes argumentos para crer nessa solidão de órfãos cósmicos, especialmente o salto logicamente inconcebível da organização estritamente físico-química à auto-organização viva; existem outros para nos sugerir que outras vidas, outras inteligências, puderam surgir no universo. Assim, não podemos descartar a possibilidade, mesmo improvável, de outras formas de vida, ou mesmo de consciência; não posso rejeitar a idéia de existência de alguma inteligência telúrica invisível para nós, ou inimaginável, nem a idéia de uma macro - inteligência emergindo do próprio cosmos; mas se trataria ainda de inteligências emergentes, não de uma inteligência primeira guiando o cosmo e a vida (2007, p. 28).

Morin é indiferente a idéia de determinismo da física, indiferente aos postulados que apontam para a macro – força cósmica demiurmiga, “*Mas não consigo acreditar que a aventura cósmica seja animada por algum desígnio providencial que a guiaria rumo a salvação final*”(2007, p. 28) .

O autor acredita que o universo responde por todas as interações, é produto e produtor de si e que ruma para a dispersão generalizada, e que estamos em meio a esses desvarios cosmológicos. É possível notar que o nosso autor não adere à concepção cosmogônica. Mas não põe em descrédito a relação do homem como os objetos que lhe exprime uma simbologia sagrada, uma relação com essa força que não criou o universo, mas que o homem acredita ter forte influência em sua vida, muitos enigmas povoam nosso imaginário, cercam nossa existência Como já foi dito, mas inquirir sobre essas questões é indispensável, para tentarmos chegar ao cerne da questão sobre o ser, e por fim a eterna busca filosófica.

Desde os tempos mais antigos o homem, já possuindo todas as suas qualidades, portanto dotado de conhecimento, sendo; *Sapiens Sapiens, Faber, Loquens e Demens* qualidades que nosso autor trabalha dentro de sua perspectiva de entendimento. “*Pode-se dizer também que todo indivíduo, mesmo aquele reduzido à mais banal das vidas, constitui um cosmo*” (2007, p. 93) O homem carrega dentro de si um microcosmo e nessa

perspectiva ele irá ganhar nova denominação: *Homo Religiosus*, nesse sentido ,é que ele determinará sua descendência cósmica, é através dessa relação que ele irá se colocar na esfera cósmica. Isso irá desdobrar-se através da manifestação que alguns estudiosos chamam de sagrado.

Na antiguidade arcaica podemos observar que o homem já pensava e praticava vários cultos usando como símbolos os elementos da natureza. Acreditava e sofria os mesmos males, os mesmos medos, mas em dimensões de tempo e espaços diferentes do homem contemporâneo.

As sociedades arcaicas e tradicionais concebem o mundo que as cerca como um microcosmo. Nos limites desse mundo fechado começa o domínio do desconhecido, do não formado. De um lado, existe um espaço cosmicizado, uma vez que habitado e organizado. Do outro lado, fora desse espaço familiar, existe a região desconhecida e temível dos demônios, das lavas, dos mortos, dos estranhos, ou seja, o caos, a morte, à noite. (ELIADE, 1991 p. 34)

Os homens aprenderam a temer o desconhecido, a evocar seres jamais vistos, forças jamais sentidas, enfim a atribuir poderes aos objetos naturais. Todo homem é como ponto singular hologramático, que contém o cosmos dentro de si, contém também a multiplicidade interior. É possuidor de ínfimas personalidades uma multiexistencialidade nas esferas do real e do imaginário, que irá desencadear uma série de comportamentos, pois cada um carrega dentro de si abismos insondáveis. É toda essa carga coloca o homem de frente para seu destino (a morte), para sua existência. Vida e morte, juntar esses dois paradoxos é parte do pressuposto, de que o homem constitui um ser bilateral carrega dentro de si contradições extremas. Entende a morte como fim último, o aniquilamento do Ser. Mas quão paradoxal, é:

A vida que há em mim é frágil mutável e, no entanto permanente. Eu não deixo de representar que a vida da qual “eu” sou uma expressão limitada, mas integral, a vida que há em mim e me impregna foi-me transmitida por minha mãe, que a recebeu-evidentemente- da sua, e assim por diante. Remontando á linhagem ininterrupta das gerações à Eva das origens e, para além, sem hiato algum, por breve que seja, atravesso toda a evolução até as primeiras células vivas no oceano morno onde a vida nasceu Minha vida é tão velha e tão nova quanto no instante da criação. A vida é um gigantesco processo contínuo, que evolui há bilhões de anos e prosseguirá por outros bilhões de anos (LYSEBETH, 1994, p. 90).

Ao aplicarmos essa relação processual a tudo que nos cerca, acabamos por dar fecundidade a estes, cada objeto, cada ser irá adquirir, quase que instantaneamente uma dimensão cósmica. Se observarmos mais atentamente todo o percurso do Ser em consequência do operador dialógico, razão e emoção, sensível e inteligível, o real e o imaginário, todos esses elementos, estão presentes nas manifestações, onde o homem adquire maior envolvimento com o imaginário. Para melhor entender-se como sistema vivo necessita travar um diálogo com essas categorias, não se trata de uma síntese, mas de entendê-las, sem separá-las, pois estão todas contidas em nosso objeto de estudo, o homem.

Entender essa estrutura complexa é entender acima de tudo que os antagonismos devem estar inseridos no mesmo plano. Que o indivíduo humano na sua busca por identificar-se como tal, não deverá desprezar todo o arcabouço histórico.

Na Índia, por exemplo, grande parte da população são seguidores da filosofia do tantra, que entendem - se como seres que só existem por consequência dos elementos cósmicos, e estabelece ligação vital com todos eles, todos os órgãos do corpo estão em perfeita harmonia com a atmosfera, seu presente, passado e futuro, tudo interligado com natureza, suas vidas, sua razão de ser.

A vida nasceu no oceano, que o mar é minha mãe, Mãe de todos nós! Se eu refizesse a genealogia das mães! remontaria toda a evolução humana e pré-humana, para chegar, afinal , aos primeiros unicelulares no oceano original...Dentre as raras certezas indiscutíveis, há o fato de que, sem nenhuma interrupção, a vida que palpita aqui e agora em minhas células foi transmitida sem hiato desde sua primeira manifestação terrestre.eu trago em mim essa vida e ela me traz. No limite, não sou eu essa vida universal e eterna? Além disso, disso como mamífero terrestre, tenho a ilusão de que o ar é meu meio vital natural porque, imerso na água privado de ar, eu me afogaria de ato é bem verdade oque disse nosso comandante Cousteau “ Nós somos água de mar organizada.” Meu meio vital, aquele onde vivem centenas de bilhões de células-elas mesmas 95%constituídas de água -, é de água de mar em concentração salina os mares tropicais, onde a vida nasceu. Eu sou aquário ambulante, e disso *minhas células sabem* ! (Observemos novamente que o tântrico medita ou contempla tanto com e em seu corpo quanto com seu cérebro.) Além do mais vivi meus nove primeiros meses mergulhado no líquido amniótico, na quente noite uterina. No útero, minha mãe respirava por mim, e as ondas de sua respiração substituíam as ondas do mar que agora contemplo (1994, pág. 68).

Nessa passagem percebemos claramente a presença de alguns elementos, mente e corpo e a harmonia materna se dará a partir dessas interações, o autor acima citado descreve uma relação que vai além do físico, que se apresenta de forma mágica, ritual.

Podemos perceber que até a matéria viva, a vida é impregnada de energia cósmica, nosso corpo é muito sensível aos ritmos que a natureza emite, para o tântrico, todos esses elementos possuem vida e consciência que são entidades indissociáveis, propriedades universais. A vida seria aqui, vista como eletricidade, pulsão e para viver devemos degradar essa energia, que todo o sistema corporal corresponde aos anseios cósmicos. O homem necessita compreender essas intervenções dos astros, entendê-las significa entender-se como parte deles, situar-se no centro do universo.

#### **2.4 A identidade cósmica filosófica e social do homem.**

O homem na atualidade está cada vez mais preocupado com as questões que o envolvem, de forma menos profunda, preocupam-se mais com questões atuais, vive a era do vazio, das incertezas. Com isso deixa para a filosofia a questão mais antiga, mais complexa, contudo, que nunca deixará de ser importante, saber sobre o ser humano? Nesse sentido está centrado na sua existência, de um modo mais alienado, menos comprometido, apesar de estar sempre buscando, uma conexão imediata, com a cosmologia.

O homem moderno vive sua complexidade, buscando prospectar sobre sua essência, apesar das novas ocupações, ainda existe uma tentativa de aproximação com os deuses, com os seres celestes, com todos os mistérios que atravessam as fronteiras do pensamento. Mas do que nunca o homem teme as forças mágicas, as forças cósmicas naturais e celestes etc. Mesmo com todo esse temor existe uma necessidade, um vazio a ser preenchido, talvez por receio da vida ou por desejo de compreender tudo aquilo que foge a empiria.

Como já foi dito antes, os antagonismos fazem o homem ser quem é, e a cosmologia, é justamente o ponto principal dessa emblemática questão que torna esse Ser um mistério para si mesmo. Continuemos então a apontar como exemplo a sociedade indiana culturalmente fechada com seus ritos e cultos que sobrevivem séculos e séculos, citemos novamente o tantra que se mantém em larga expansão pelo ocidente e que carrega e transmite muito da visão cósmica de mundo. Embora não possa ser vista como religião, não estamos aqui tratando de religião, mas de cosmologia. Então será necessário traçar um perfil dessa filosofia de vida. Se para Morin, o homem é *Complexus*

(termo grego, que significa um tecido em conjunto), o significado do tantra, seu sentido é próximo a este; pode significar várias coisas conforme o contexto, entre elas; urdidura (daquilo que é tecido), continuidade, sucessão, ascendência, ou ainda um processo contínuo, desenrolar de uma cerimônia, sistema, e claro a definição mais conhecida, doutrina mística e mágica. O tantra compreende todas as formas de energias do universo, quaisquer que sejam elas, presentes em todo o cosmos.

Cientificamente, o universo é um gigantesco *continuum*, que se estende do infra-atômico ao astronômico. Os tântricos percebem essa unidade há pelo menos 35 séculos: nada mau para homens munidos apenas de seus sentidos, sua inteligência, mas, principalmente, de sua intuição. Mas na vida cotidiana, esse saber não muda muito nossa relação com os objetos: para nossos sentidos, um grão de areia continua sendo um grão de areia, uma galáxia continua sendo um punhado de estrelas. (LYSEBETH, 1994, p. 61)

Quando consideramos a vida em toda a sua completude, finitude, isso de certo modo irá causar certo incômodo, certa perturbação dos nossos conceitos cotidianos, a afirmação contida nesse pensamento, de que a vida se espalha por todo o cosmos, que o universo está vivo, que tudo que está aqui está em todos os lugares, que a vida se espalha por todo universo. A interpretação de que haveria outras galáxias, outros sóis, milhares de células, outros sistemas planetários, enfim. Vivemos na era da expansão do conhecimento, entender o homem, é acima de tudo não separá-lo do pensamento, da consciência, e ousar, trazer uma nova abordagem, Morin, junta nosso enraizamento cósmico ao biológico ao cultural, e não separa o sujeito do objeto, como no sistema cartesiano. Traz o sujeito para o centro, já que as ciências modernas descartam a nossa identidade cósmica. Ele irá propor todas as formas de interpretação da vida, principalmente as menos privilegiadas pela ciência como forma de entendimento, como a arte, a literatura, a poesia o mito, a filosofia claro; o pensamento racional (informática, da cibernética e o sistema de informações) o homem avança nos sistemas de informação com todo esse aparato já sabemos que existem mais sóis no universo do que grãos de areia em todas as praias na terra que talvez não sejamos os únicos seres vivos e racionais em todo o cosmo. E assim, como parte do todo eu participo do todo.

No primeiro momento, foi necessário traçar um breve perfil sobre a inserção do homem no universo, que começou com os filósofos gregos, que desvendavam e transcenderam-no para a dimensão racional do mundo através dos mitos. Em seguida,

exemplificamos como o homem se vê inserido nesse contexto, como ele entende as coisas que não pode compreender de imediato, usando a razão, o sensível, o real, o imaginário, entrelaçando coisas que a vida social separa. Nosso enraizamento cósmico, nossa relação com os astros, com a natureza, no centro do universo, como filhos da terra, da água etc. Esse fato, por si só não bastará pra nossa compreensão, sobre nossa identidade humana. Conhecer o humano é expulsá-lo do planeta? Determinar como nossa vida biológica se iniciou, como chegamos a esse Ser, em contínuo processo de evolução, como fomos de um estado primitivo ao ser metavivo, ao *sapiens sapiens*, *demens*, *symbolicus*, e *complexus* citado por Morin?

### **3. A DIMENSÃO DE IDENTIDADE SOCIAL DO HOMEM**

#### **3.1 Do *Sapiens* ao *Complexus*: O homem um Ser de dimensões.**

Morin quando fala em pensamento complexo está falando daquilo que é tecido em conjunto, está falando de nós seres humanos, está dizendo que não somos como as ciências tentam nos entender, não somos feitos por partes separadas, somos uno. Quando pensamos no Humano pensamos imediatamente numa pessoa completa com corpo, estruturado fisicamente, que anda, pensa, fala e fabrica. Como dito anteriormente, o homem é um Ser *Complexus*, um misto de todas essas coisas que fazem parte de sua natureza humana e o distancia dos animais. Esse ser que fala, pensa, fabrica, vive com outros seres iguais, comunica - se, associa - se. Dessa forma, cria grupos, vive relações mais elaboradas, estruturadas e afetivas. Racionalmente estruturado o homem passa a construir o mundo à sua volta, erigindo sua própria visão de mundo. Construindo seu mundo, constrói a si, se identifica naquilo que produz. Todo o progresso do homem serve como pano de fundo para a sua realização como Ser, como homem que é produto e produtor, visto como o próprio operador recursivo.

Desde a sua bipedização, todo o seu caminhar foi em direção a sua identidade terrena e social. Raciocinar foi a grande mola da engrenagem do Ser. Alguns filósofos postulam que foi a linguagem, o motor propulsor dessa história. O homem busca algo que simbolize o seu crescimento como humano. Pensamento e linguagem são indissociáveis, nesse contexto, pensar e falar são características que se completam e dão sentido a uma outra versão do Ser que sairá da sapiencial idade e encontrara seu lugar, num mundo mais intelectualizado, técnico e criativo.

#### **3.2 A linguagem como instrumento de socialização, o homem um ser falante e pensante.**

O homem quem é ele? É o que a ciência nova ainda tenta descobrir, apontar a linguagem como o ponto principal desse processo não seria errôneo, pois a através da linguagem o homem pode expressar seus pensamentos e assim apontar que é racional

que entende o mundo a sua volta e o interpreta de acordo com seu entendimento acerca de si e dos outros. A linguagem é vista como símbolo. Quando falamos, emitimos signos, com a emissão desses signos, simbolizamos todas as coisas a nossa volta. Falamos a todo o momento, mesmo quando não emitimos sons, falamos por meio da escrita ou do pensar, sempre estamos simbolizando através da linguagem. A linguagem é o ponto de partida para a socialização do homem. Com a linguagem o Ser pode interagir com o espaço biosférico. A linguagem serve como meio de socialização, ela possui função existencial. Através dela podemos provar a nós e aos outros que existimos.

O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos, a boca pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológico e ao mesmo tempo culturais. O que há de mais biológico - o sexo, o nascimento, a morte - é também o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares-comer, beber, defecar- estão estritamente ligadas a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais – falar, cantar, dançar, amar meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto o cérebro (MORIN, 2003. p.40).

A filosofia desde os antigos filósofos se preocupou com a questão acerca do Ser. Foi somente com Descartes e os filósofos modernos que o foco mudou para o conhecimento do conhecimento, mas Morin junta duas questões numa única proposta: quer conhecer a si, saber quem é o homem?

Nessa tomada de atitude, falar sobre a linguagem torna-se indispensável. A fala é o instrumento que norteia o Ser do homem, sendo o que o distingue nitidamente dos outros seres, permeando sua vida em sociedade, suas relações, sua afetividade. É na vida social que o *Homo Loquens* irá realizar-se. O estudo da linguagem teve início com os pré-socráticos. O pensamento sobre a linguagem, seu aparecimento dividia os filósofos da época em duas questões: A origem da linguagem e sobre a natureza da linguagem. Quanto à origem, acreditava-se que fora recebida dos deuses; quanto à natureza, concebida como signos convencionais ou naturais das coisas. Eis o que assunta Aristóteles:

Concebe a linguagem como instrumento do pensamento, e dado que o pensamento retorna às coisas, a também linguagem tem, em última análise, a função de representar as coisas, mas a escolha deste ou daquele som para

significar uma dada coisa depende da decisão do homem. A linguagem é, portanto, natural na sua função, mas convencional na sua origem (*Apud*, MODIN, 1997, p. 137).

Dessa forma, o homem irá determinando seu mundo, representando todos os objetos criando seus símbolos, seus mitos, suas mentiras, suas verdades, decifrando o código da vida. Todos os nossos pensamentos só podem se realizar através da linguagem, da mesma forma que só podemos nos realizar pela linguagem. O homem é um ser pensante e falante. Assim sendo, criando e estabelecendo relações ele entra na vida em sociedade. A vida social do homem está estruturada em bioclasses. Homens e mulheres diferenciam-se em sexo e idade. Essas separações acontecem desde as sociedades arcaicas.

Às mulheres era destinado o lar, o cuidado com as crianças, à coleta etc. O homem à caça a pesca, à guerra, talvez seja o primeiro modelo de sociedade constituída pelo homem. No núcleo arcaico, pequenos grupos dividiam suas vidas em pequenos núcleos, sem o Estado, eles viviam da caça e pesca, obedeciam às regras de convivência estabelecidas pelo próprio grupo.

As sociedades arcaicas são organizadas em bioclasses: as primeiras diferenciações, complementariedades e oposições sociais baseiam-se nas diferenciações biológicas de sexo e idade. A bioclasse masculina é destinada à caça, e à guerra; dominante, controla a divisão dos recursos e a repartição das mulheres; detém os segredos que não podem ser confiados às mulheres. Esta, está fadada ao lar, às crianças, à coleta, à tecedura. O destino das mulheres pode estar, conforme as sociedades, mais ou menos subordinado. As crianças, jovens e adultos, do poder sobre a sociedade; os jovens unem-se em bandos, gozando de certa liberdade. Os individuais são policompetentes. O homem sabe fabricar seus instrumentos, suas armas, edificar a sua casa, caçar, esquarterar a caça, construir o habitat; a mulher pratica as tarefas maternas e domésticas, a coleta a cerâmica e a tecedura. Ainda hoje, as mulheres continuam policompetentes, realizando trabalhos domésticos, cuidando dos filhos e de eventuais atividades profissionais (MORIN, 2007, p.164).

Essas sociedades se diversificam mesmo nos seus traços fundamentais comuns pela língua, pelas crenças, por seus ritos, mitos, mas principalmente pelo modelo de gestão que, pode tanto ser permissivo como rígido ou conter muitas proibições. Ainda hoje podemos observar que a multiplicidade de costumes é fator existente em todas as sociedades, mesmo agora são modelos diferentes de administração, de alimentação, de cultura, proporcionados pelo aumento demográfico, às sociedades arcaicas desaparecem,

mas alguns traços ainda sobrevivem, o traço mais forte ainda cultivado por algumas tribos na Índia. Por exemplo: podemos observar várias tradições ainda impetradas no seio da sociedade, não só a sociedade indiana, mas muitas outras, principalmente as arcaicas, vivem ligadas à simbologia dos objetos, sacralizam vários deles. Morin determina que o homem seja um ser simbólico, pois se olharmos para as sociedades arcaicas diremos que o homem é realmente um ser simbólico. Podemos observar várias teorias desse simbolismo, principalmente quando o assunto em questão versa sobre o aspecto social religioso, o mito moderno seguido de ritos sem sacrifícios de animais, ou prática de orgias coletivas. A ligação com os deuses ou Deus é um forte elemento de socialização do homem antigo e moderno. Serve, assim, como aparelho de controle da mente dos indivíduos, esse simbolismo se estende para várias esferas da vida do homem, unindo-os em grupos, fazendo com que haja um convívio social sólido, aqui o homem se encontra novamente com sua identidade cósmica, com sua ligação com o supra- sensível, o inteligível, só que agora de forma coletiva e menos enraizada, com mais liberdade de escolhas e também mais banalizada. Esse paradoxo representa por um lado a forte ligação espiritual do homem com as divindades, por outro demonstra a sua diversidade, mas o homem arcaico era atrelado a seguir os ritos da comunidade em que vivia, não gozando da liberdade de escolha. Essa ligação se dará através do espírito, o espírito que sempre movera o ser em busca do conhecimento, agita a curiosidade, movida pela criatividade mítica mesmo para o homem moderno, uma nova versão dos mitos fora desenvolvida com o nascimento das grandes religiões ecumênicas. Sobre isso, Morin prescreve:

A aventura do mito começa igualmente com as origens do *homo sapiens*; inscreveu-se nas grandes religiões ecumênicas e, depois, metamorfoseou-se, nos tempos contemporâneos, em aventura da ideologia. O mito perdeu seus hábitos tradicionais e introduziu-se na esfera aparentemente laica das sociedades: o mito moderno pode, ao contrário do antigo, dispensar deus e até mesmo a narrativa. Parasita clandestinamente o mundo as ideias oriundas do pensamento racional e que se tornam soberanas: Razão, História, Ciência, Progresso, Revolução. Infiltra-se nas ideologias, dá-lhes energia e força de possessão. Dá às ideias abstratas uma vida, um caráter providencial quase divino. Assim, a Razão, a Ciência, Progresso, puderam tornar-se grandes mitos dos séculos XIX e XX e as leis da história pretenderam realizar a salvação da humanidade (2007, p. 106).

Essa passagem mostra claramente o quanto estamos errados em pensar que o mito tenha sido extirpado da vida do homem moderno, a racionalidade transformou o mito,

e em contrapartida as sociedades por mais racionais e materiais que sejam, estão atreladas, ao culto, mesmo o homem sendo portador de certo domínio do mundo, do intelecto avançando em todos os setores da tecnologia, cibernética e outros tantos meios de conhecimentos é paradoxal, Morin, explica que os paradoxos servem como ponto de equilíbrio, que servem para dar sentido aos questionamentos que o homem faz sobre si. O Ser mesmo no meio social, onde a diversidade se mostra multiplamente, sente necessidade de se encontrar vê no outro o eu diferente, em muitos outros, as relações se mostram multifacetadas, na vida social, percebemos o eu se metamorfosear em vários outros Eus. É justamente na vida social, que o Ser se depara com o a emblemática questão sobre si, é na vida compartilhada com os outros que irá manifestar-se o desejo de redescobrimto da identidade humana, almeja saber a essência de sua identidade humana. As várias culturas, línguas, etnias, encontra o local propício para pôr o homem em confronto consigo, no âmbito cultural que o sujeito se mostra, é palco onde expõe-se todos os conflitos felizes ou tristes, sentimentos bons ou maus, é na vida com os outros que colocamos nossos pensamentos em prática, em foco. É na cultura que podemos observar o desenvolvimento do intelecto, do espírito e de várias outras faculdades do homem enquanto ser social.

### **3.3 Espírito e consciência o abismo entre o *Homo Sapiens* e *Homo Complexus*.**

Já sabemos que o homem se diferencia dos animais por várias características anatômicas, psicológicas, mentais, afetivas etc. Sabemos que o ser tem capacidade racional, uma caixa craniana de tamanho maior que a dos seus precedentes pode organizar seus pensamentos, através deles e da fala, está inserido no processo cultural, é capaz de fazer associações, de solucionar problemas, enfim um ser policompetente.

O espírito (*Mind, mente*) emerge e desenvolve-se na relação entre atividade cerebral e cultura. Torna-se o organizador do conhecimento e das ações humanas. É generalista, policompetente, capaz não só de resolver, mas também de estabelecer problemas, inclusive insolúveis. Nada é mais potencialmente aberto que o espírito, aventureiro e curioso. Nada é mais fechado que o espírito humano, contudo, o fechamento permite abertura (2007, p. 96).

O fechamento do cérebro citado acima está relacionado com o fato do cérebro

ficar localizado dentro da caixa craniana, e sua comunicação com o meio exterior se realiza através de terminais sensitivos que recebem estímulos por meio da visão (visuais), táteis, sonoros, olfativos, que transferem para nós, por meio de códigos específicos, as informações processada por esses terminais são codificadas para diversas partes do cérebro, e posteriormente se transforma em percepção desse modo, pode-se dizer que toda a percepção, é ao mesmo tempo, uma tradução do mundo exterior, uma reconstrução. O cérebro possui estrutura complexa, no sentido de oposição mesmo, pois somos incapazes de distinguir algumas das suas atividades, nem as percepções por ele captadas, somente pode ser a atividade racional da mente, um conjunto de verificações, o controle em determinadas situações, a coerência em outras a adequação que proporcionará apreender a objetividade externa. Operar é diminuir o distanciamento entre nós e o mundo externo é sem dúvida umas das funções mais perceptíveis por nós, e executada pelo cérebro. Assim sendo o homem está sistematicamente atrelado ao funcionamento mental de tradução e reconstrução, o conhecimento humano, apesar de estar sempre sendo verificado e controlado pela mente, não está livre de cometer erros e ilusões. Morin proclama que condição humana está marcada por duas grandes incertezas: a incerteza cognitiva e a incerteza histórica. Sendo a cognitiva possuidora de três princípios; o cerebral onde fazemos tradução e construção do real e não o refletimos como ele se apresenta; o físico que determina que o conhecimento dos fatos sempre dependerá da interpretação; e o último é epistemológico e precede da crise dos fundamentos da certeza em filosofia e ciência é preciso estabelecer um diálogo com as incertezas, não determinar verdades.

As ciências que se ocupam desse compartimento do corpo humano, apontam várias quebras, de modo que segundo, as mesmas, a mente pode cometer erros que podemos chamar de ilusão, mentiras pra si, falsas lembranças etc. Mas o cérebro seria o principal ponto, o divisor entre um antropóide e o *homo*, e suas demais variações.

Tentar entender o funcionamento da mente humana, talvez seja até o presente momento um dos grandes obstáculos que a ciência tenha encontrado sempre, essa estrutura tão complexa, faz parte de todo o mistério que envolve o homem, e que pode ser revelado com o domínio do funcionamento do cérebro (muitos acreditam nessa possibilidade) tanta diversidade na atividade mental.

Nessa atividade cerebral constante torna-se impossível escapar do erro e da ilusão

o cérebro é obrigado a estar em constante funcionamento e lutar contra esses dois fatos, que o acompanha sem dar trégua. O cérebro humano pode ser comparado a um computador, realiza operações semelhantes, claro que a máquina leva algumas vantagens, mas nada se compara a estrutura humana que tão surpreendente e perfeita é dotada de sensibilidade, afetividade e de autoconsciência, organizado, e capaz de reconhecer-se como tal, opera motivada pelo espírito emergente que é traço unicamente humano.

A consciência é outra característica tipicamente do homem. Morin irá defender que a consciência é uma reflexão em duplo sentido sem deixar de ser uma, é um anel em circuito como um espelho que reúne refletor e refletido, como uma consciência da consciência, uma dualidade na unidade. Essa unidade duplicada perpassa por dois polos de atividades do cérebro que estão inclusos um no outro que são; a consciência de si e as atividades práticas ou cognitivas. Mas nosso interesse é unicamente sobre a consciência de si. O homem, nosso objeto de estudo, nem sempre se imaginou como um ser consciente na verdade essa preocupação com a consciência é uma questão autocrítica:

A consciência parece-nos tanto um epifenômeno quanto um fenômeno principal da vida do espírito... Pode-se, efetivamente, concebê-la como epifenômeno, relâmpago, fogo fátuo incapaz de modificarem comportamento "programado" (pelo aparelho genético, pela cultura). A consciência aparece assim como uma superestrutura, resultante de uma organização das profundezas e que, como tudo que é secundário e dependente, só pode ser superficial. Mas a primeira representação omitiria a constatação de que esse epifenômeno frágil é, ao mesmo tempo. A qualidade global mais extraordinária oriunda do cérebro, a auto-reflexão pela qual o Ego/Eu emerge ao espírito. A segunda representação ignoraria a retroação da consciência sobre as idéias, sobre o comportamento e sobre o próprio Ser, assim como perturbações acarretadas por ela (consciência da morte). As duas representações ignorariam, enfim, a dimensão, totalmente nova e, às vezes, decisiva que a aptidão autocrítica pode dar à pessoa (2007, pp.110-111).

O homem, no entanto poderá perceber que possui consciência quando se deparar com certas situações, acontecimentos que o farão parar para refletir e agir de acordo com a retroação da consciência que poderá tanto ser fraca como, mais ou menos transformadora. Isso, contudo, quem determinará são os vários aspectos que envolva o Ser, dito de outro modo; a nossa consciência opera de acordo com os momentos, com as condições conforme cada indivíduo, de acordo com os problemas enfrentados, segundo as pulsões ativadas. A consciência pode ser percebida, como epifenômeno ou como superestrutura, sendo a consciência considerada como o mais rico produto do espírito

humano. A consciência não tem conhecimento da estrutura física humana, nem tampouco de como funciona nosso cérebro, não temos sequer o conhecimento de como possuímos inteligência, ou mesmo como surgem os gênios que, iluminados pela consciência nos brindaram com todo o progresso intelectual que vislumbramos. Se ao pensarmos na operação cerebral, nós nos inserimos em labirinto de contradições, mesmo quando falamos em consciência, imaginem inferir sobre a inconsciência, que traz toda contradição, toda a atividade do cérebro carrega na sua operação, as contradições a indefinição de cada traço do humano, aponta para a contradição, mesmos os mais singulares, quando postos em questionamentos, em análise, mostram que possuem certa ambivalência. A consciência faz o homem ter o controle subjetivo e objetivo do seu próprio pensamento sobre si, sobre o outro sobre o mundo. A consciência age como um anel reflexivo gerando um pensamento do pensamento capaz de retroagir sobre um novo pensamento.

É a consciência que mede o direcionamento da vida social do homem é ela que permeia o homem. Mesmo porque não estamos livres de comportamentos desregrados, violentos, loucos. A história nos mostra que a consciência de humanidade terrena, só veio a partir das grandes guerras mundiais, o homem passou a ter uma visão coletiva de humanidade, mesmo com toda a diversidade cultural, o horror que cobriu o planeta, fez surgir a identidade do *sapiens* houve uma identificação coletiva, terrena de nossa sapiencial idade. O homem não escapa da loucura, da demência, sem certas regras de conduta, o homem não oculta o *Homo Demens*. O homem necessita de suas funções mentais sempre em funcionamento, não queremos aqui dizer que o homem não portava capacidade mental de raciocínio nos tempos de bipedização, claro que esse movimento cerebral era tímido. Mas a demência estava presente na vida do *Homo Sapiens*, o que deixa claro algumas questões, já que houvera sucessivas batalhas, aniquilamento entre as espécies, barbárie total, não podemos ignorar a loucura, o delírio.

Foi o mesmo *Sapiens* que exterminou os seus congêneres, aborígenes da Austrália, índios da América, criou a escravidão e o degredo; e, a partir dos poderes da ciência e da técnica, lançou-se à conquista do planeta, gerando uma potência mortal capaz de aniquilá-lo. Claro, existem algumas ilhotas de bondade, de generosidade, de amor e de misericórdia no coração desta espécie criminosa. A agressividade exibe-se na história humana. Guerras externas predadoras, delinquência e criminalidade internas. Um delírio de devastações, de assassinatos e de suplícios sempre acompanha as vitórias. A loucura assassina explode nos conflitos entre religiões, nações, ideologias. Uma formidável onda de barbárie

alastrou-se na Alemanha, a nação mais civilizada do século XIX. Nenhuma nação está ao abrigo. Por toda parte onde o *Homo* continua a pretender-se *Sapiens*, onde imperam o *Homo Faber* e o *Homo Economicus*, a barbárie está sempre pronta para ressurgir (2007, p.117).

O autor determina no texto; *A Cabeça Bem - Feita* que o ser que viria mais tarde a proclamar identidade humana, seria remanescente de várias gerações, a aventura da vida sendo uma história cheia de catástrofes que provocariam extinção e surgimento de novas espécies, e o sobreviventes dessa aventura biológica, seria “*um ramo de uma ramo de antropóides*” (MORIN,P.58.2003)

#### **4. A DIMENSÃO SOCIAL DE IDENTIDADE HUMANA. A CONSCIÊNCIA CULTURAL COMO IDENTIDADE SIMBÓLICA.**

A consciência de si é na verdade a mais audaciosa meta da indagação filosófica, todo o caminho percorrido por todas as escolas filosóficas, em algum momento prestou-se a inquirir, sobre o questionamento a cerca do autoconhecimento do ser, o que, ao que parece permaneceu improvável e inabalável, alguns dos muitos teóricos da questão, apresentam um certo pessimismo, contudo, todos concordam em um ponto; o conhecer sempre foi o maior empreendimento do Ser humano. No primeiro momento, se dá quando o homem inserido na sociedade passa a produzir cultura, passa a ser um Ser de cultura como já dito anteriormente. O homem, portando a linguagem, inicia um processo de socialização, dado esse processo muitos outros tomarão forma. O Humano, então, inicia outros mecanismos de satisfação. Enquanto Ser, deseja sempre se encontrar mesmo quando seus caminhos o distanciam do objetivo principal: o desejo por si se mantém. Morin determina que o homem possui uma característica que descreve o homem muito bem na sua vida atual. O filósofo diz que o homem é um ser simbólico no sentido que vive criando símbolos a fim de se identificar com eles e consigo mesmo. Ao conceituar o homem como *Symbolicus* não devemos dispensar nenhum traço por ele apresentado desde a sua origem cósmica, biológica e cultural, esta última é mais presente nas discussões relevantes à emblemática questão a cerca do *Ser* na atualidade. É na diversidade cultural que o Ser irá criar e instituir seus valores, no entanto, necessitará da autonomia que lhe será conferida por sua atuação como ser social e cultural. Nesse ponto, que segundo nosso autor são cruciais para o nosso entendimento sobre quem somos? Já sabemos nossa possível origem cósmica, já especulamos sobre a tentativa da ciência de explicação sobre nossa origem biológica, mas o ponto aqui discutido será sobre o patrimônio cultural e organizador do indivíduo na vida social, os símbolos que este cria e que lhe dão sustentabilidade na vida em sociedade. Nosso patrimônio físico está inscrito no código genético e nosso patrimônio cultural está inscrito primeiramente na memória dos indivíduos através da linguagem, nossa cultura oral, depois as leis do direito, as instituições, as sagradas escrituras, na literatura e nas artes em geral. Todo esse arcabouço patrimonial serve para criação e defesa da identidade cultural do indivíduo.

A própria sociedade cria sua identidade através dos indivíduos que criam os mecanismos ideológicos, sociais, seriam os símbolos que determinam o *Homo*

*Symbolicus*. Podemos perceber que a partir da vida social a necessidade de integração do homem com seus semelhantes o fez estabelecer a relação indivíduo /sociedade nesse dialogar. O primeiro símbolo social foi a família que foi se institucionalizando com as imposições sociais a respeito do sexo bem como a proibição do incesto e do adultério que geraria muitos conflitos, pois o indivíduo viveria regulado pelas leis de conduta moral, o que refletiria muito na atual formação social.

Outro símbolo social foi a criação do Estado e suas extensões, que surge com seus imensos tentáculos abarcando todas as “necessidades” do indivíduo estendendo seus domínios por todos os cantos do globo terrestre. Mas o ponto crucial dessa metamorfose social foi a transformação do Estado em uma megamáquina que conserva algumas características dos tempos arcaicos, das novas suas características a principal é sua organização trabalhista. Agregado a isso vem um dos símbolos máximos das sociedades na atualidade: o capitalismo agressivo alavancado pelo materialismo exagerado que põe o homem de frente com suas ambições. Aí novamente entra o espírito:

As condições dadas objetivamente que determinam o modo e produção, e em consequência a organização social, determinam o homem, suas ideias, assim como seus interesses. Com efeito, a idéia de que “as instituições formam os homens”, na expressão de Montesquieu, era um discernimento antigo; a novidade de Marx foi sua minuciosa análise das instituições, mostrando como estavam enraizadas no modo de produção e nas forças produtivas subjacentes. Certas condições econômicas, como as de capitalismo, produzem como principal incentivo o desejo do dinheiro e propriedades; outras condições econômicas podem produzir exatamente os desejos opostos, como os de ascetismo e desprezo pelas riquezas terrestres, tais como são encontrados em muitas culturas Orientais e nas etapas iniciais do capitalismo (FROMM, 1975, p. 22).

A determinação do homem pelos símbolos que cria, pode tanto suscitar um enorme apego como certo desapego, mas essa contradição se dá entre objetos de dimensões diferentes: nas sociedades onde encontramos o desapego aos bens de consumo, ao dinheiro, o homem se escraviza pela religião, o homem cria simbologias e se deixa escravo delas. A religião possui grande destaque apresentando-se como meio de salvação. O *Homo Symbolicus* recria, assim, um mundo buscando se encontrar nos objetos que fabricou, nas instituições que criou, cada vez se afastando de si.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi objetivar a questão acerca do *Ser*, mostrar que o entendimento sobre o homem perpassa por várias possibilidades que para chegar ao nosso entendimento como *Ser* dependemos, de, primeiramente entender que não podemos dispensar os aspectos cósmico-físicos, sociais, culturais inscritos na diversidade humana, requer um embasamento teórico - histórico. Desde os primeiros vestígios da presença do homem na terra, que factualmente não dispomos com precisão de como se deu tal acontecimento. Contudo, seguindo as pesquisas sócios-antropológicas portamos alguns dados arqueológicos que possibilitaram algumas teses sobre tal aventura, esses arquivos nos levam a crer que nossa origem, nada tem da visão incorporada nas sagradas escrituras, esses rastros nos aproximam muito da linhagem dos primatas, como podemos prever, toda a nossa origem provém de um processo de bipedização, que seria apontado como o primeiro grande passo do *Ser* em direção ao processo de hominização, que proporcionara toda a evolução posterior passara por várias etapas até chegarmos ao ser humano de hoje.

De certo, compreender nossa origem simiesca, aceitar que evoluímos dos primatas ultrapassa os limites impostos por nossa consciência, mas, não podemos descartar o arcabouço da pesquisa científica. Ao contrário do que sempre se pensou a compreensão do homem, não deve se dar de forma compartimentada, mas como unidade que apresenta multiplicidade, ou como sugere Morin; um tecido em conjunto, inquirido em todas as suas dimensões. Esse empreendimento parece ser um tanto quanto, audacioso, mas, como pioneiro nesse tipo abordagem, sabe que a pretensão almejada por toda a história da filosofia, o autoconhecimento, talvez, possa ser conseguido somente com a harmonia do homem com a natureza, com o cosmo, pôr o homem no centro do universo é a forma apontada por ele pra trazer o homem de volta si. A proposta do filósofo merece credibilidade, não pela ousadia, mas, iniciativa de traçar um caminho novo para a velha e emblemática questão.

O *Ser* humano hoje se apresenta no auge da evolução, do conhecimento, um *Ser* falante, pensante, fabricante, múltiplo. Conquistou tudo a sua volta não sabe, no entanto, situar-se no centro de seu próprio *Ser*. O convite audacioso feito por Morin, é uma proposta para uma nova visão antropológica e filosófica que aborda o *Ser* em toda a sua

magnitude, ele não propõe com isso que tudo que fora especulado antes seja abandonado, mas entrelaçado juntar os paroximos, para isso porém, se faz necessário, traçar um diálogo com as categorias que nos acompanham ao longo de nossa estreia planetária. Morin, nós brinda com a teoria da complexidade, e irá tecendo seu ideário antropológico e filosófico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GLEISER, Marcelo. A dança do universo. Dos mitos de criação ao big – bang, São Paulo, Companhia das letras, 1997.

ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos, São Paulo, Martins Fontes, 1991.

ENGELS, Frederick. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem, 4ª edição, Rio de Janeiro, Global, 1990.

FROMM, Erich. O conceito marxista de homem, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GUITTA, Pessis-Pasternak. Do caos à inteligência. Quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Unesp, 1992.

HUXLEY, Thomas. A origem do homem. 2ª edição, Rio de Janeiro Global, 1990.

LYSEBETH, André Van. Tantra o culto a feminilidade- outra visão da vida e do sexo/trad. Sonia Rangel 3ª edição- São Paulo: Summus, 1994.

MORIN, Edgar. O problema epistemológico, da complexidade, 2ª edição, Publicações Europa- América. 1996.

\_\_\_\_\_. O método 5: A humanidade da humanidade / trad. Juremir Machado da Silva 4ª edição-Porto Alegre: Sulina, 2007.

MONDIN, Batista. O homem quem é ele? 12ª edição, São Paulo, Paulus, 1997.

MORIN, Edgar. A Cabeça Bem – feita, 8ª ed. Rio de Janeiro, BERTAND BRASIL LTDA, 2003.